

Um Nordeste em Brasília

CLOUDIO REIS

Desde sua construção, capital do país é o destino predileto de vários nordestinos

CRISTIANO ZAIA

Assim como Fabiano, personagem sofrido das páginas clássicas de "Vidas Secas", livro de Graciliano Ramos, milhões de nordestinos traçam como objetivo de vida fugir da seca que corrompe as esperanças de vida. Brasília não fica longe do destino dos retirantes. E, apesar de não receber mais a visita de tantos trabalhadores afoitos vindos de todos os cantos do Nordeste, como aconteceu durante os anos 1960 até 1990, ainda hoje é possível vê-los espalhados pela capital federal em busca do tão sonhado eldorado que foi anunciado.

Todos os dias, Luís Antônio Gomes, 54 anos, acorda às 4h30, segue para a parada de ônibus, pega o coletivo às 5h10 e tem de enfrentar cerca de duas horas de trânsito de sua cidade, Valparaíso, até a Asa Norte. Ele é cearense de Irauçuba, cidade há 130 km de Fortaleza, e há doze anos é zelador de um condomínio na 402 Norte. Quem vê Luís fazendo pequenos serviços no prédio, não enxerga o passado penoso de agricultor, que ganhava muito pouco para se sustentar. "Fome eu nunca passei. Mas já fiquei uma semana inteira carregando caminhão de pedra das 5h às 19h para ganhar R\$ 3,50 por dia", conta.

Seu Luís se considera um homem de sorte por ter conseguido emprego. Pai de duas filhas e até hoje amante de uma carne de porco torrada, feijão temperado e baião de dois, ele diz ter visto conterrâneos que se aventuraram recentemente na capital e acabaram voltando para a terra natal por falta de oportunidades de trabalho. "Meu lugar não era bom, mas se não conseguisse, eu voltava. Sou feliz porque hoje até zelador tem que ter segundo grau". O nordestino só frequentou até o segundo ano primário na escola.

Não há como negar que Brasília ainda é o destino preferido de grande parte dos



Imigração já não é tão grande como nas décadas de 60 a 90, mas ainda hoje, Brasília recebe muitos nordestinos

nordestinos que resolvem deixar a terra natal e buscar novos caminhos. Em Ceilândia, por exemplo, não é necessário procurar muito para encontrar um deles. Na Feira Central há uma grande mescla de culturas nordestinas no comércio. Josefa Borges, 60 anos, veio para Brasília quando tinha 30 anos de idade. O motivo? Correr atrás de seu grande amor, que hoje, é seu marido. Com apenas dois meses morando na capital, ela prestou concurso para ser professora e ministrou aulas por 15 anos. Josefa se conside-

ra realizada por ter saído da distante Jaguaribe, no Ceará, e ter se mantido em Brasília, mas não enxerga a coragem de sair da cidade natal como privilégio para todos. "A pessoa que vem sem estrutura sofre. Eu já tinha um certo estudo", afirma ela, que ainda se refere às cidades satélites como verdadeiros redutos nordestinos. Hoje aposentada, ela ajuda o marido numa barraquinha de roupas, que já está há 13 anos na Feira Central.

Cícero Gomes, 62 anos, também é cearense. Ele veio de Nova Russa e lembra como

se fosse hoje do dia em que pisou na capital. Foi em 5 de janeiro de 1968, com mais dois vizinhos, quando teve de enfrentar cinco dias de viagem e esperar pelo conserto do ônibus que quebrou três vezes durante o trajeto. Cícero veio para trabalhar em construção civil, mas já foi servente de escola e teve até loja de confecções e tecidos durante 12 anos. "Quando cheguei aqui, até pensei: minha cidadezinha era melhor. Antes, até escolhíamos a firma em que trabalhar. Mas, hoje não compensa vir para cá. Para quem tem

um pé-de-meia, aconselho que fique no Nordeste", opina.

Guardando uma semelhança com o conterrâneo Fabiano, de nossa literatura, muitos ainda nutrem a vontade de se tornar candangos numa "cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias (...) E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano (...)"

Trecho do livro "Vidas Secas"